



“GEOGRAFANDO SEROPÉDICA/RJ”: (“RE”~) CONHECENDO O ESPAÇO A PARTIR DE PRÁTICAS EDUCATIVAS

André Santos da Rocha¹

Regina Cohen Barros²

Leandro Dias de Oliveira³

RESUMO

O presente artigo apresenta alguns resultados de ações decorrentes dos trabalhos no PIBID – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência – em andamento no curso de geografia da UFRRJ – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro [Campus Seropédica]. Apresentaremos algumas concepções teóricas para pensar o fazer geográfico como uma prática educativa de reconhecimento do espaço vivido e dos usos de seus instrumentos na intervenção da realidade. Apontamos, a partir dos resultados, como o ensino de Geografia (e de seus instrumentais na produção de materiais didáticos) – entendendo o espaço vivido como potencial pedagógico – pode se tornar uma importante ferramenta na formação da cidadania com consciência espacial.

Palavras Chave: Ensino de geografia, cidadania, consciência espacial, materiais didáticos.

RESUMEN

El presente artículo presenta algunos resultados de acciones recurrentes de los trabajos en el

- 1 Professor Assistente do Departamento de Geociências da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro [Campus Seropédica]; Doutorando em Geografia pela UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro; Vice-Líder do LAGEPPE – Laboratório de Geografia Políticas e Práticas Educativas; Bolsista de Doutorado do CNPq; Coordenador Adjunto do PIBID **do Curso de Licenciatura em Geografia da UFRRJ, Campus Seropédica.**
- 2 Professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do CTUR (Colégio Técnico da UFRRJ), atualmente cedida ao Depto. de Geociências na condição de Professora e Coordenadora do Curso de Geografia (Licenciatura e Bacharelado) da UFRRJ. Doutora em Geografia pela UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro, com Pós-Doutorado em Geografia pela UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas. Pesquisadora vinculada ao LAGEPPE. Coordenadora Geral do PIBID **do Curso de Licenciatura em Geografia da UFRRJ, Campus Seropédica.**
- 3 Professor Adjunto do Departamento de Geociências da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro [Campus Seropédica]; Doutor em Geografia pela UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas; Líder do LAGEPPE – Laboratório de Geografia Políticas e Práticas Educativas. Coordenador Adjunto do PIBID **do Curso de Licenciatura em Geografia da UFRRJ, Campus Seropédica.**

PIBID – Programa Institucional de Becas de Iniciação a la Docencia – en andamio en el curso de geografia de la UFRRJ – Universidad Federal Rural de Río de Janeiro [Campus Seropédica]. Presentaremos algunas concepciones teóricas para pensar el hacer geográfico como una práctica educativa de reconocimiento del espacio vivido y de los usos de sus instrumentos en la intervención de la realidad. Apuntamos, a partir de los resultados, como la enseñanza de Geografía (y de sus instrumentos en la producción de materiales didácticos) – entendiendo el espacio vivido como potencial pedagógico – se puede tornar una importante herramienta en la formación de la ciudadanía con consciencia espacial.

Palabras Clave: Enseñanza de geografía, ciudadanía, consciencia espacial, materiales didácticos.

ABSTRACT

This article presents some results recurring in the PIBID (Institutional Scholarship Program Introduction to Teaching) work, during the UFRRJ (Federal Rural of Rio de Janeiro University) geography's course, Seropédica Campus. We present some theoretical conceptions to think the geographical practice like an educative practice of recognition of lived space and the uses of their instruments in the intervention of reality. We aims, from the results, determine how the geographical teaching (and the instruments used in the production of didactics materials) – understand the lived space as a pedagogical potential – can be understood as an important tool in the development of a spatial awareness citizenship.

Keywords: geography teaching, citizenship, spatial awareness, didactics materials.

INTRODUÇÃO

O presente artigo é desdobramento dos trabalhos realizados no plano de atividades do Subprojeto do PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência) do curso de Licenciatura em Geografia do Campus Seropédica, articulado em torno da temática “**Geografando Seropédica/RJ: (re) conhecendo espaços, construindo saberes com consciência espacial e cidadania**”. O PIBID constitui-se em um projeto da CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Ministério da Educação) que visa articular o [1] aperfeiçoamento dos alunos do Ensino Superior no âmbito das Licenciaturas com [2] a melhoria dos níveis do IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) nas escolas públicas onde o projeto se desenvolve⁴, oferecendo aos futuros licenciados a oportunidade de aprenderem fundamentos da prática educativa, aplicando-os na melhoria da qualidade do ensino de escolas públicas com índices de baixo rendimento. As pesquisas do PIBID Geografia – Seropédica são desenvolvidas junto ao LAGEPPE – Laboratório de Geografia Políticas e Práticas Educativas, cadastrado como diretório de pesquisa junto ao CNPq e vinculado ao Departamento de Geociências da UFRRJ – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

4 Trata-se de um indicador do governo federal brasileiro para medir a qualidade do ensino nas escolas públicas em todo o Brasil.

As ações no âmbito do PIBID/licenciatura em geografia [pensada no campus Seropédica da UFRRJ] perpassam um embasamento teórico sobre pensar geografia e o lugar vivido dos estudantes na aplicação desta possibilidade como potencialidades pedagógicas. Como prescreve a necessidade de apresentar resultados práticos e teóricos dessas ações, o presente artigo será dividido em três partes. A saber:

[a] **Fazer Geografia, Pensar o espaço** – esta parte é caracterizada pelo referencial teórico e conceitual na qual discutimos a ideias de pensar o espaço como potencialidade pedagógica buscando a construção da cidadania a partir do reconhecimento das características deste espaço;

[b] **Seropédica e UFRRJ: Uma aproximação necessária** – nesta segunda parte apresentaremos uma breve síntese sobre o panorama social e econômico do Município de Seropédica, com reflexões de como se tornam importantes as ações deste projeto nesta área, sobretudo, para pensar o auxílio na melhoria da educação básica neste lugar, em especial no que tange ao ensino de Geografia;

[c] e **“Geografando” Seropédica: exemplificando algumas práticas** – nesta última parte apresentaremos os resultados parciais de nossas propostas pedagógicas com intervenções em algumas escolas, apontaremos a estruturação de oficinas e seus resultados deste projeto em curso.

FAZER GEOGRAFIA, PENSAR O ESPAÇO

O tema do PIBID Geografia – Seropédica, intitulado “*Geografando Seropédica/RJ: (re) conhecendo espaços, construindo saberes com consciência espacial e cidadania*”, objetiva desdobrar os conhecimentos / saberes sobre objetos e ações que se manifestam espacialmente (Santos, 2002), em consonância com as premissas do Plano Curricular Nacional de Geografia (MEC, 1997) e articuladas com as próprias questões que cercam o campo da ciência geográfica.

O espaço geográfico é construído socialmente, dotado de uma história que envolve relações sociedade / natureza. No âmbito da Educação Básica o (re) conhecimento sobre ele é de fundamental importância para a formação da cidadania, pois os conhecimentos geográficos e de seus instrumentos técnicos possibilitam a formação e o desenvolvimento de “leituras do mundo” e de seus significados sociais, políticos, econômicos, ambientais, éticos, religiosos, culturais e etc. Para Paulo Freire (2003), há uma profunda importância em tornar significativa a aprendizagem, sobretudo para ensinar os educandos a “*ler o mundo*”. Destarte, em consonância com Yves Beal (2002), é possível destacar que o ato do saber possibilita a construção de uma consciência cidadã que pode ser instrumentalizada para a emancipação dos sujeitos. Sabe-se que os indivíduos habitam no espaço e dele fazem parte: portanto, o (re) conhecimento dele é uma necessidade na odisséia da construção do cidadão com consciência espacial seja no saber seja no mundo.

Em consonância com estas ideias Alberto Gutiérrez (2009) chama atenção para a formação integral do cidadão. Para o referido autor a cidadania com aporte dos conhecimentos espaciais levaria a ampliar a escala de ações de intervenção do cidadão republicano e liberal. Que dotariam o sujeito de instrumentos capazes de ver a sociedade em sua totalidade, constituindo assim o cidadão territorial. Esse é em suma o cidadão dotado de consciência espacial.

É importante destacar que a produção da cidadania se faz em um processo, ou seja, ela não é uma dotação natural, é produzida socialmente (Santos, 1998). Pensar a prática desta cidadania com

consciência espacial é construir a capacidade de intervenção, observação e opinião sobre os eventos e fenômenos que se desenrolam no espaço.

O espaço é considerado um conceito-chave da ciência geográfica (Corrêa, 1995) por abarcar uma multiplicidade de fenômenos sociais e naturais, além de se revelar, segundo Santos (2008), como um indutor e um induzido das relações sociais. As noções de indutor e induzido se apoiam na perspectiva de que o espaço, sendo construído pela ação do homem, guarda em seu âmago uma dimensão que reflete as características sociais, culturais, políticas e econômicas de uma dada sociedade, sendo, portanto, por ela moldada. A noção de induzido revela-se, então, como reflexo das relações sociais que circundam a plataforma espacial, uma vez que os *objetos e ações* podem adquirir tal dimensão (Santos, 2002). O espaço é encarado, então, como um produto social (Lefebvre, 1974).

Não podemos ignorar que a sociedade que molda o espaço nele se reproduz. Logo, as suas relações sociais de produção e de reprodução estarão relacionadas às condições materiais e imateriais que se forjaram no processo histórico de sua formação. E, como lembra Massey (2008), precisamos entender o espaço não só como produto da sociedade, mas também como produtor dela. A referida autora ainda nos apresenta a necessidade de entendermos este espaço como *produto de inter-relações* que se configura em uma dimensão “trans-escalar” (da imensidão do global até o corpo); como esfera que possibilita a existência da multiplicidade, onde se inclina em pensar uma totalidade na qual distintas trajetórias coexistem; e como um constante devir, uma vez que a formação do espaço não acontece por um momento, mas pela sucessão de trajetórias e momentos. Essas características propostas por Massey para entendimento do espaço refletem, portanto, a noção de que o espaço também é indutor das práticas sociais.

Ao associarmos pensar a formação do cidadão, não podemos ignorar como este é relacionado com o espaço, uma vez que ele é também produtor dele. Quando Massey (2008) aponta que o espaço é um produto de múltiplas trajetórias entendemos que esta se trata de uma convergência de indivíduos que consciente ou inconsciente produzem espaços e podem operá-lo para uma transformação ou trabalharem sobre as permanências de práticas econômicas, sociais, políticas e culturais hegemônicas (Sousa Santos, 2010). Contudo a consciência transformadora é forjada nos diferentes espaços de formação sejam eles formais (escolas, universidade) ou informais (espaços públicos da cidade outros espaços de vivência).

Sabe-se que a escola é um espaço construído para formar e informar (Foucault, 2009) e as práticas educativas que se desenvolvem nela condicionam o olhar e a forma de agir dos sujeitos sobre o Mundo (Zabala, 1998). A geografia enquanto uma disciplina escolar possui como fundamento formar uma visão espacial de mundo, e possibilitar a formação do cidadão com essa consciência. Então, entendemos que formar um cidadão territorial, como aponta Gutiérrez (2010) é uma necessidade em que a educação geográfica precisa afirmar para construir indivíduos capazes de intervir em sua realidade vivida.

Partindo deste princípio, pensamos que destacar as trajetórias dos sujeitos e de suas experiências no espaço é de suma importância para construir essa cidadania e servir de aporte para construir conceitos centrais do currículo escolar em geografia. Pensamos estas questões apoiados na teoria do desenvolvimento em Vigotsky e das fases de aprendizagem em Piaget (Goulart, 1993). É importante destacarmos que a ideia de zona de desenvolvimento proximal (Vygotsky, 1979) deve ser resgatada como uma ferramenta importante na construção dos conteúdos escolares (Zabala, 2002).

A zona de desenvolvimento proximal se expressa na possibilidade de construção de novos conhecimentos tomando como suporte ligações entre conhecimentos vividos, experiências, que os sujeitos possuem, onde as novas informações podem ser processadas e assimiladas, num processo de desconstrução-reconstrução do conhecimento. Neste sentido, percebemos como o reconhecimento do espaço pode servir como potencial pedagógico tanto na construção dos conhecimentos escolares quanto na construção da cidadania com aportes espaciais. Discutir o bairro e o município é de suma importância na estruturação dos conhecimentos escolares.

Em primeiro lugar, isso acontece porque o espaço vivido é a escala de experiência espacial primeira do indivíduo (Tuan, 1983). As relações de sua trajetória que envolve o corpo, a casa, o bairro e a cidade são carregados de sentidos afetivos, sociais e culturais que podem ser resgatados como “elos” pedagógicos. É importante destacarmos que essas práticas pedagógicas não são novas no ensino de geografia. Sobre esse assunto Horácio Capel (1981) destaca as práticas no ensino de geografia conduzidas por Carl Ritter no final do século XVIII, que eram influenciadas pelas perspectivas de Pestalozzi, onde ensino deveria primar pelas experiências que partiriam da construção das informações mais simples para as mais complexas. Neste sentido, a noção de corologia, entendida como recorte espacial, foi tomado como um recurso didático no ensino de geografia por Carl Ritter que iniciava os estudos sobre características básicas dos lugares [mais simples] para depois pensar as interações, conexões e resultados [mais complexo] tendo como recursos didáticos os trabalhos de campo que contava com visitações a diferentes países na Europa a produção de materiais didáticos semelhantes aos almanaques que conhecemos hoje sobre esse continente (Ritter, 1804; 1807).

Partindo dessa exemplificação pedagógica, entendemos que pensar geografia e seu espaço é pensar princípios básicos como localização, extensão, posição, sítio e outros elementos para construir as possibilidades de conhecimento em complexidade (Morin, 2006) a partir da própria natureza da geografia (Moreira, 2007). Destarte, pensamos que fazer geografia passa pelo crivo de entendê-la e analisá-la. Ou seja, promover uma educação geográfica, capaz de emancipar sujeitos ao fornecer a capacidade dos mesmos em ler suas próprias práticas sociais (Duny, 2002), entender a produção do espaço (Lefebvre, 1972) e intervir nesse processo quando necessário (Santos, 2002).

É neste sentido que propomos o (re) conhecimento da geografia de Seropédica/RJ como uma interface no ensino de geografia e suas temáticas, bem como na prática de pesquisa do professor que atua na rede de ensino do município no direcionamento da construção conjunta da uma cidadania participativa e territorializada. No entanto para isso é necessário refletir sobre a atual conjuntura social e política e as potencialidades pedagógicas desta realidade para pensar e fazer uma geografia em Seropédica.

SEROPÉDICA E UFRRJ: UMA APROXIMAÇÃO NECESSÁRIA

Seropédica está localizada na Região Metropolitana do Rio de Janeiro, em uma área conhecida popularmente como Baixada Fluminense, região fluminense marcada por índices alarmantes de qualidade de vida e violência social (Alves, 2003; Simões, 2007). A ocupação territorial de Seropédica data dos meados do século XVII, tendo sua história de ocupação associada à antiga sede, Itaguaí. Também apresentou laços com a produção agrícola. Ganha um destaque histórico a produção da amora que na realidade tem como pano de fundo a produção da Seda. Segundo alguns historiadores essa localidade tinha um papel importante da produção industrial do século e brasileira, principalmente no que diz respeito a pró-indústria marcada pela produção têxtil, onde Seropédica

destacava-se pela produção da Seda em larga escala, chegando a tecer relações comerciais com outros países entre eles Estados Unidos, França e Inglaterra (Rocha, et. al., 2012).

A própria denominação da cidade é reveladora, com o prefixo de origem latina, *sericeo ou serico*, que significa seda, e o sufixo, de origem grega, *país ou paidós*, que significa tratar ou consertar. Em síntese, Seropédica é o local de produção da seda ou fábrica de seda. Tal produção foi tão importante que em seu brasão aparece detalhes a amoreira, onde a folha é utilizada pelo “*bicho da seda*”, esse símbolo se constitui como uma metáfora geográfica e histórica de tempos antigos a própria toponímia⁵.

Outro ponto de destaque é passagem da antiga rodovia Rio-São Paulo (atual BR-465) pelo município, cortando literalmente a área central do Município. A instalação da UFRRJ nesse município foi fundamental para a estratégia de ocupação de áreas nesse município. O imenso *campus* da UFRRJ destaca-se na paisagem e na economia política do município. Atualmente Seropédica baseia-se numa produção agrícola e numa incipiente setor industrial, e sua formação socioespacial compõe uma paisagem peri-urbana. Busca inserção na chamada “Baixada Política”, construindo laços mais profícuos por conta de sua historia territorial não estar ligada a Iguassu ou Estrela (antigos municípios centrais na formação da Baixada Fluminense, que originaram praticamente todas as cidades hoje existentes), no entanto percebe na construção do arco-metropolitano uma oportunidade de se consolidar politicamente neste bloco regional. Contudo, os dados sociais e econômicos de Seropédica reafirmam os laços de identidade com a representação hegemônica da Baixada Fluminense (Rocha, 2011).

Alguns indicadores também caracterizam a situação social, econômica e política do município de Seropédica. Entre esses dados é importante destacar o IDH com a marca de 0,731 – que seria considerado regular para os indicadores da ONU –, estando segundo dados do IBGE em 47.^a no âmbito do estado do Rio de Janeiro e na 1609.^a em escala nacional. Tais dados mais quantificam que qualificam a realidade, destacadamente quando observamos as informações sobre a educação do município. Para o Tribunal de Contas, em 2000, a alfabetização de pessoas com até 15 anos de idade chegou a 91 %; no entanto, este valor é questionado quando se busca dados sobre o IDEB (Índice da Educação Básica) de 2009 das escolas municipais, que foi de 3,7, estando abaixo da média nacional que é 4,0 (Inep,2011). São informações importantes que traçam as limitações e exigências do ensino na cidade de Seropédica.

Ao analisarmos as experiências vivenciadas no transcurso do projeto PIBID/Geografia, perceberemos que há uma defasagem no ensino-aprendizagem de geografia como resultado de problemas estruturais na educação básica nas escolas do município. A falta de infra-estrutura, a escassez de materiais didáticos e de indisponibilidade de mapas na maior parte das instituições públicas, principalmente municipais, dificultam o andamento das aulas durante o período letivo.

Os professores, assim como todos os profissionais, devem ter a sua disposição as ferramentas de trabalho, como mapas, projetores *data-show*, livros. Cotidianamente, é possível nos depararmos com escolas onde os livros foram entregues no último bimestre e com aulas onde houve a necessidade da

5 As informações presentes sobre o município de Seropédica são relacionados à pesquisa da tese de Doutorado em curso no PPGG/UFRJ do prof. André Santos da Rocha, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Ana Maria Lima Daou. A referida pesquisa de tese versa sobre as dinâmicas econômicas e políticas na Baixada Fluminense, que inclui um levantamento histórico e territorial sobre Seropédica.

matéria ser ditada para que o aluno tivesse ao menos um material de consulta. Havia escolas onde só havia a disponibilidade do mapa político africano e os outros mapas eram desenhados as pressas no quadro para que os alunos pudessem ter uma noção de espacialidade.

Percebemos que em alguns conteúdos obrigatórios não foram disponibilizadas nos livros, e não é produzido nenhum material alternativo para suprimir tal demanda. Outro fator crucial é a falta de professores de geografia, fato evidenciado em duas escolas, cujos mestres só foram convocados no segundo bimestre de 2011. Isso por sua vez, revela como os problemas na educação incidem diretamente sobre a construção das disciplinas escolares, como é o caso da geografia⁶. Mais uma prova cabal que não é possível, sob nenhum aspecto, desvincular “educação” de “política”.

Desse modo, estando o *campus* central da UFRRJ – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro localizado neste município se torna uma exigência o retorno social das atividades de pesquisa, ensino e extensão para a comunidade, sobretudo quando podemos pensar em uma reverberação qualitativa sobre a realidade social através de instrumentos e técnicas desenvolvidos pelo corpo docente e discente.

Por seu turno, o curso de geografia desta universidade congrega técnicas e saberes inerentes as práticas de gestão e organização do espaço. No âmbito da licenciatura, o desdobramento da produção de materiais didáticos e desenvolvimento de oficinas didáticas no ensino de geografia estão no âmago de nossas propostas. Assim, a aproximação do curso de geografia e de seus licenciandos com os alunos e professores da rede municipal de educação de Seropédica/RJ pode contribuir bastante na melhoria dos índices da educação básica, como poderemos apresentar a seguir.

“GEOGRAFANDO” SEROPÉDICA – EXEMPLIFICANDO ALGUMAS PRÁTICAS

Sabe-se que o saber geográfico está em toda parte (Cosgrove, 1998), e isto possibilita trabalhar com leituras e interpretações geográficas da realidade próxima e distante dos educandos. Pensando na melhoria dos índices do IDEB, que tem com quesitos chaves de avaliação as habilidades e competências em torno da leitura, escrita e interpretação bem com a associação e relação de elementos comunicativos (escrita, símbolos, charges, mapas, cartazes etc.), pensamos articular algumas oficinas que trabalhassem esses conteúdos procedimentais, auxiliassem na estruturação de conteúdos teóricos em defasagem na rede municipal e que ainda possibilitassem criar nexos com a construção da cidadania.

Uma primeira oficina realizada em agosto de 2011 na Escola Municipal Vera Lúcia Pereira Leite, situada no bairro São Miguel, Seropédica, buscou tratar a temática da água e as relações de percepção das crianças sobre o uso da água e suas relações com os rios próximos. Como produtos forma valorizados a produção de representações dos alunos sobre seu espaço vivido com desenhos que representassem a discussão.

O segundo bloco de ação que contou com três oficinas foi realizado no mês de abril de 2012 nas escolas de atuação [Escola Municipal Valtair Gabi, Escola Municipal José de Abreu e Escola Esta-

6 Essas informações sobre as realidades escolares e o ensino de geografia em Seropédica foram coletadas pelos bolsistas durante o segundo semestre de 2011 como parte inicial do projeto. Foram consultadas e analisadas três escolas presentes no município de Seropédica que atuam com o ensino Fundamental [segundo segmento] e Ensino Médio.

dual Alice de Souza Bruno] sobre a temática da cartografia escolar. A escolha do tema ocorreu pela defasagem neste tema por parte dos alunos das respectivas escolas e da possibilidade de *transversalizarmos* o reconhecimento de Seropédica a partir das três oficinas. A saber: [a] leitura de mapas a partir do mapa de abairramento de Seropédica; [b] um vídeo debate com o curta-metragem “Correio” (1.ª Temporada, Rede Globo, 2002) da série “Cidade dos Homens”, contando com a produção de mapas mentais por parte dos alunos; [c] construção de jogos geográficos com a produção de “War” para apresentar a diversidade continental aos estudantes.

A primeira oficina mencionada teve ênfase em “alfabetizar” cartograficamente os alunos do 7º ano em virtude dos mesmos no ano de 2011 terem tido uma deficiência no aprendizado da disciplina de geografia pela falta de professor no primeiro bimestre letivo.



Foto Nº1: Apresentação de slide com conteúdos de cartografia escolar aos alunos da rede pública em Seropédica. Fonte: Acervo PIBID Geografia – Seropédica, Abril de 2012.

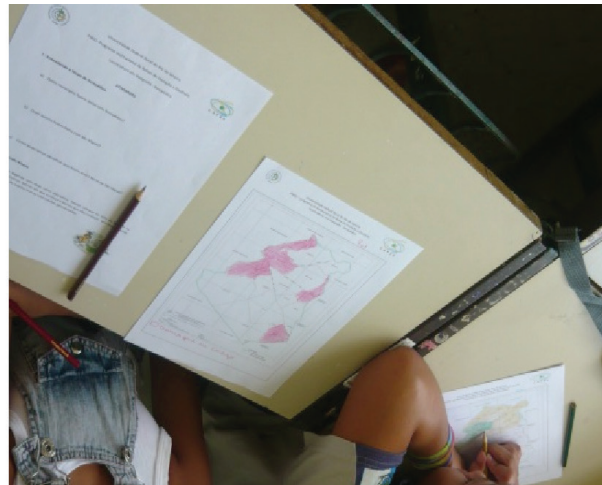


Foto Nº2: Atividades com o mapa de Seropédica com as atividades relacionadas ao reconhecimento do município. Fonte: Acervo PIBID Geografia – Seropédica, Abril de 2012.

Para a execução da atividade um grupo de discentes do PIBID elaborou uma apresentação em arquivo PowerPoint (ver foto 1), com pontos importantes da cartografia e partindo de uma escala pequena para uma escala grade, ou seja, partiu-se do global para o local (São Miguel, bairro onde os alunos residem e estudam), proporcionando essa visualização de posicionamento aos alunos. E em um segundo momento, aplicou-se uma atividade em que os alunos com o mapa da divisão de Seropédica com sua divisão em abairramento (ver foto 2). Nestas atividades foram valorizados os conhecimentos conceituais construídos e lembrados no momento anterior.

O objetivo desta primeira atividade foi também apresentar os bairros da cidade de Seropédica e localizá-los, onde os alunos tinham que aplicar os conhecimentos adquiridos na atividade anterior. Como por exemplo: a) construir a ideia de rota, com as rosas dos ventos a partir da luz do sol na escola no horário da manhã; b) localizar os bairros vizinhos a partir da rosa dos ventos construída no mapa; e c) produzi um mapa temático a partir de suas experiências no município construído uma legenda e pintando o mapa com o bairro que conhecia do município.

A segunda oficina consistiu na apresentação do curta-metragem “O Correio” da série Cidades



Foto N°3: Imagem do curta-metragem utilizado na oficina. Fonte: Acervo PIBID Geografia – Seropédica, Abril de 2012.



Foto N°4: estudantes iniciando produção dos mapas mentais dos bairros em que vivem. Fonte: Acervo PIBID Geografia – Seropédica, Abril de 2012.

dos Homens (ver foto 3), seguida de um debate onde se discutiu, baseado na obra de Yves Lacoste (1988), o papel dos mapas e sua relação com o poder. Ao final dessa atividade pediu-se aos alunos que desenhassem mapas mentais do bairro onde moram e do município de Seropédica (ver foto 4).

Esta atividade foi feita com a turma do 3º ano do Ensino Médio, e foi bastante interessante por apresentar a diversidade de interpretações sobre um mesmo bairro, no caso o bairro de São Miguel, em Seropédica. Foi possível ainda discutir temáticas que não são comuns ao debate da cartografia escolar, pois recorremos às ideias centradas na cidadania, nos direitos e no papel da comunidade e do estado na produção do espaço. Através do exposto anteriormente podemos inferir que atividades como essas apresentadas são fundamentais para a compreensão dos conteúdos da disciplina de geografia.

A última oficina resultou de uma ampliação do real do jogo de grande apelo geográfico “War” (ver foto 5). Este tem por objetivo apresentar as estratégias de guerras e da importância da conquista de determinados territórios para a consolidação de poder. O objetivo desta atividade foi apresentar a diversidade dos continentes aos alunos e mostrar a importância do conceito de território e das estratégias no campo geopolítico. Foram discutidas ideias como Estado e sua soberania, assim como foram exemplificadas as estratégias da Primeira e da Segunda Guerra Mundial e da Guerra do Vietnã. Se aparentemente esta atividade não estava inextricavelmente ligada ao reconhecimento de Seropédica, ela serviu para contribuir na construção de temas pertinentes ao currículo escolar do município, em especial no que tange a cartografia escolar. Afinal, a compreensão geográfica é multi-escalar, e para se compreender o lugar em sua plenitude, é fundamental que se pense na esfera global como algo dinâmico e próximo da realidade cotidiana.

A utilização dos conteúdos da cartografia escolar foi fundamental na estruturação e consolidação de conteúdos conceituais e na produção de reflexões sobre a inserção dos alunos no espaço em que vivem. As experiências em tela são formas de mostrar que o aluno está inserido em um contexto mais amplo, e, por conseguinte, está sendo afetado pelo que acontece tanto na perspectiva local quanto global, concomitantemente, e que estes contextos devem ser resgatados para a construção de conteúdos na geografia escolar, mas também para buscar construir uma cidadania com



Foto Nº5: Produção do jogo do “War” ampliado e adaptado pelos alunos bolsistas e apresentação aos alunos de Seropédica. Fonte: Acervo PIBID Geografia – Seropédica, Abril de 2012.

consciência espacial. Significa, *mutatis mutandis*, pensar no conhecimento geográfico como possibilidade de apreensão crítica da realidade, dotada de valores, estratégias e cabedais políticos por vezes eclipsados pelo desconhecimento do espaço.

Neste sentido, salientamos que na geografia que se pratica na escola, a temática de cartografia é de suma importância na construção de elementos básicos para leitura e compreensão do mundo (Simelli, 1999), e que desta maneira o universo vivido dos alunos deve ser levado em consideração para a construção e produção de um material cartografável. A construção destes conhecimentos, partindo deste universo vivido que consideramos como o lugar de sujeitos e de suas experiências (Tuan, 1983), remete-se às diferentes escalas da casa, da rua, do bairro e outros espaços do município de Seropédica em que os alunos tenham tido experiências vividas.

Se pensarmos que o fio condutor para “geografar seropédica” tem como destaque a construção da cidadania a partir do (re) conhecimento dos sujeitos de seu espaço, precisamos lembrar que a cidadania é exercida a partir da apropriação conhecimentos sociais, históricos e geográficos (Arendt, 2009). Entre esses instrumentos de reconhecimento para o exercício da cidadania passa pela aprendizagem dos fenômenos geográficos que compõem sua escala espacial vivida. Assim como base metodológica das experiências de ensino pautamos as atividades de alfabetização cartográfica (Almeida, 2006) nas referências espaciais dos alunos com a produção de mapas mentais e a construção de conteúdos conceituais tomando com base materiais produzidos sobre o município de Seropédica.

REFLEXÕES FINAIS

As propostas de fazer da geografia uma prática, o “geografar”, é um projeto deveras ambicioso que objetivamos colocar em curso neste projeto. As propostas aqui traçadas diante de nosso referencial teórico, somado aos resultados e ações desenvolvidas mostram como algumas estratégias podem ser pertinentes para ampliar as possibilidades da educação geográfica.

Neste sentido, entendemos que não basta, evidentemente, decorar letras, figuras e imagens; cabe entendê-las e associá-las ao contexto socioespacial, e que é uma exigência contemporânea extrava-

sar este modelo, levando ao discente a construção de uma “consciência espacial”. Para pensar a melhoria dos indicadores do IDEB nas escolas, buscamos em resumo fomentar a capacidade daquilo que Edgar Morin (2006) chama de “cabeça bem-feita”, ou seja, um sujeito que seja capaz de operar em complexidade sobre os saberes apreendidos sobre o mundo. Onde o olhar holístico – entendido aqui como múltiplo e libertário – da geografia e de seu instrumental se mostra válido.

Destarte, se torna oportuno a presença da Geografia na Educação Básica, pois além de seus saberes estarem por “toda parte”, ela é para Edgar Morin uma das ciências capazes de traduzir o conhecimento em sua complexidade devido sua própria construção estar sempre relacionada à relação, associação, síntese de elementos que congregam a sociedade / natureza em torno de um olhar: o espaço e sua organização. Desse modo, o ensino de geografia se torna uma verdadeira ferramenta para a construção da autonomia do saber. Se pensarmos que o Saber é Poder (Foucault, 1979), ele, também, pode ser usado na emancipação social e na plena construção da cidadania em Seropédica/RJ. Contudo os resultados e ações apresentadas aqui, são parciais, mas que abrem possibilidades de avaliarmos as potencialidades de resgatar a cidadania a partir do reconhecimento do espaço, aqui exemplificadas a partir do uso da linguagem cartografia escolar.

Ainda, é necessário apontar o futuro desdobramento das ações aqui catalogadas, indicando as futuras intenções do projeto:

[1] a formação qualificada dos alunos de licenciatura de Geografia e de professores da rede pública em temas transversais ao Ensino de Geografia e da História e Geografia da Baixada Fluminense e de Seropédica;

[2] a inclusão da Geografia de Seropédica/RJ com recurso didático para aulas de geografia e história no ensino fundamental e médio, bem como sua inclusão no currículo oficial da rede municipal de Seropédica;

[3] a produção de material didático para professores e alunos de Seropédica;

[4] o desenvolvimento e registro de metodologias para o ensino de Geografia e se suas tecnologias;

[5] a ampliação do diálogo com os professores de Geografia do Ensino Básico a partir de conteúdos e metodologias especificamente relacionados aos eixos temáticos do subprojeto e, de modo geral, ao ensino de Geografia no nível fundamental, em uma chave crítico-reflexiva, atendendo ao que chamamos de consciência espacial.

Destarte, através da reflexão sobre estas experiências aqui apresentadas, e a desejável intensificação do envolvimento de professores e discentes da licenciatura em geografia no aprendizado dos alunos da rede municipal, é possível pleitear um objetivo tão ambicioso quanto necessário: fazer a universidade – neste caso, a UFRRJ – cumprir o seu papel social de inclusão, de centro de saber e, por que não, de promoção da transformação social.

AGRADECIMENTOS:

Os autores agradecem a participação dos alunos-bolsistas integrantes do projeto, de diferentes períodos do curso de Licenciatura em Geografia: Anderson da Silva Santos, Ariane Melchior Nunes da Hora, Carla Silva Cordeiro, Carolina Alves Fantinato, Carolina Aparecida Nascimento da Silva, Ernane Fernandes Moura, Isaque Vilar Huguenin, Lidiane Salgado de Sousa, Lucas Dias de Souza, Luciana Viana Neves, Nathália Martins França da Silva, Renan Navarro Martins, Thiago Sardinha dos Santos, Tony Ewerton Rodrigues de Oliveira e William Luiz de Almeida Tavares. Os agradecimentos devem ser estendidos à toda a equipe pedagógica das seguintes unidades escolares: Escola Municipal Valtair Gabi, Escola Municipal José de Abreu e Centro Municipal de Educação Infantil Alice de Souza Bruno, todas da Rede Municipal de Seropédica, onde as atividades práticas deste projeto são desenvolvidas.

BIBLIOGRAFÍA

- Arendt, H. (2009). *O que é política?* 8.^a ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil,
- Almeida, R. (2006). *Do desenho ao mapa. Iniciação cartográfica na escola.* 4.^a ed. São Paulo: Contexto.
- Alves, J. (2003). *Dos barões ao extermínio: uma história da violência na Baixada Fluminense.* Duque de Caxias-RJ: APPH / CLIO.
- Beal, Y. (2002). *Cidadão no saber e/ou cidadão no mundo?* In: APAP, Georges [et. al]. *A Construção dos Saberes e da Cidadania.* Porto Alegre: Artmed.
- Capel, H. (1981). *Filosofia y ciência em La geografia contemporânea. Uma introdución a La geografia.* Barcelona: Barcanova.
- Corrêa, R. L. (1995). *Espaço: um conceito chave da Geografia.* In: CASTRO, Iná; CORRÊA, Roberto L.; GOMES, Paulo C. (Orgs). *Geografia: Conceitos e Temas.* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Cosgrove, D. (1998). *A Geografia está em toda parte: Cultura e Simbolismo nas Paisagens Humanas.* In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). *Paisagem, Tempo e Cultura.* Rio de Janeiro: EdUERJ.
- Duny, A. (2002). *Projeto e cidadania: o projeto e tentativa de desalienação?.* In: APAP, Georges [et. al]. *A Construção dos Saberes e da Cidadania.* Porto Alegre: Artmed.
- Foucault, M. (2009). *Vigiar e Punir.* São Paulo: Vozes.
- Foucault, M. (1979). *Microfísica do poder.* Rio de Janeiro, Graal,.
- Freire, P. (2003). *A importância do ato de ler.* São Paulo: Cortez.
- Goulart, I. (1993). *Piaget – experiências básicas para utilização pelo professor.* Petrópolis: Vozes.

- Gutiérrez, A. L. (2010). Formação cidadã em perspectiva dos estudos do território como potencial pedagógico. Caso: PUI-NOR, Medellín, Colômbia (FOCET). Boletim Paulista de Geografia. Vol. 1, abril, p.11-3.
- Gutiérrez, A. L. (2009). Ciudadanía y território: escenario para la formación ciudadanía.n Revista Palabra: palavra que obra, n.º10, p. 109-127.
- INEP- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Ideb – resultados e Metas. Disponível em: < <http://sistemasideb.inep.gov.br/resultado/>>. Data do Acesso: 11/02/2011.
- Lacoste, Y. (1988). A Geografia – Isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra. São Paulo: Papirus.
- Lefebvre, H. (1974). La production de l'espace. Paris: Maspero.
- Massey, D. (2008). Pelo espaço. Uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand.
- Moreira, R.(2007). Pensar e ser em Geografia. São Paulo: Contexto.
- Morin, E. (2006). A Cabeça Bem-Feita: Repensar a Reforma, Reformar o Pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Parâmetros Curriculares Nacionais: História, Geografia. Secretaria de Educação Fundamental, Brasília, MEC/SEF, 1997.
- Ritter, C. (1804). Europa. Ein geographische, historisches, Statisches Gemälde Für Freunde und Lehrer der Geographie. Frankfurt, Vol. 1.
- Ritter, C. (1807). Europa. Ein geographische, historisches, Statisches Gemälde Für Freunde und Lehrer der Geographie. Frankfurt, Vol. 2.
- Rocha, A.(2012). Et al. Almanaque é Baixada! Rio de Janeiro, 2012 (no prelo).
- Rocha, A.(2011). A representação “Ideal” de um território - exemplificando a Baixada Fluminense. Revista Pilares da História, v. 10, p. 7-25.
- Santos, M. (2008). Por uma Geografia Nova. 6ª Ed. São Paulo: EDUSP
- Santos, M. (2002).A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção. São Paulo: EDUSP.
- Santos, M. (1998). O espaço do Cidadão. 4ª ed. São Paulo: Nobel.
- Simielli, M. E. R. (1999). Cartografia no Ensino Fundamental e Médio. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri. (Org.). A geografia na sala de aula. 1.ª ed. São Paulo: Contexto.
- Simões, M. R. (2007). A cidade estilhaçada: reestruturação econômica e emancipações municipais

na Baixada Fluminense. Mesquita: Entorno.

Sousa Santos, B. (2010). Pela Mão de Alice. O social e o político na pós-modernidade. 13.^a ed. São Paulo: Cortez.

Tuan, Yi-Fu. (1983). Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel.

Vygostky, L.(1979). El desarrollo de los procesos psicológicos superiores. Barcelona: Critica.

Zabala, A. (2002). Enfoque globalizador e pensamento complexo. Uma proposta para o currículo escolar. Porto Alegre: ARTMED.

Zabala, A. A Prática Educativa.(1998). Como ensinar. Porto alegre: ARTMED.z

Artículo recibido el 15 de mayo de 2012 y aprobado el 15 de junio de 2012